

FÍSICOS E CIRURGIÕES QUATROCENTISTAS

AS CARTAS DE EXAME

por Iria Gonçalves

Se nem sempre os médicos foram bem compreendidos e muitas vezes se lhes preferiram os curandeiros e homens ou mulheres «de virtude» — e se ainda hoje isso acontece, quanto mais não seria na época que nos propomos abordar! — é certo também que as pessoas mais cultas e com mais responsabilidades, sob o aspecto social ou político, compreenderam não só que a profissão exercida por «não autorizados» se tornava perigosa, como tentaram favorecer a formação de bons médicos.

Num período em que grassavam epidemias sucessivas e que nada parecia poder dominar, era natural que os reis se preocupassem em defender a saúde pública e procurassem prover o país com um número suficiente de homens adestrados na arte de «curar das pessoas», ou seja, de «cuidar» da sua saúde. Punha-se, portanto, o problema de alcançar um plano de eficiência técnico-científica, bem precário relativamente à nossa época.

D. Afonso V via bem «quanto por seruiço de deus e nosso bem e proueito de nosos Regnos e Senhorio he necesario em elles a arte de mendicina ser praticada e husada per aquelles que aprenderom E em ella som bem Jnstrutos e sofiçiantes» (1).

(1) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 36, fl. 183. Prólogo de uma carta de medicina, passada em favor de Antão Martins, residente em Lisboa.

Ao mesmo tempo procuraram averiguar se os médicos de formação não escolar possuiriam um mínimo de conhecimentos considerado indispensável para poderem exercer legalmente a profissão, outorgando-lhes depois o certificado comprovativo desses conhecimentos e com ele o direito ao exercício da profissão. Esses certificados tornaram-se depois ainda mais importantes do que os conferidos pelas próprias Universidades.

É sobre estas cartas, que nos revelam uma faceta dos esforços dispendidos pelos nossos monarcas em prol da saúde pública, que vai recair a nossa atenção.

*

* *

Durante toda a Idade Média existiram em Portugal, como aliás no resto da Europa, clínicos de formação escolar, obtida nas escolas médicas — de que Salerno e Montpellier são exemplos marcantes⁽²⁾ — e, mais tarde, nas Universidades. Além destes, havia os que exerciam a profissão sem terem frequentado qualquer estabelecimento de ensino. Os conhecimentos destes últimos tinham sido adquiridos única e exclusivamente pela prática, obtida, em regra, nos primeiros tempos do seu exercício, junto de um médico «já feito», quase sempre com conhecimentos adquiridos de modo idêntico. Os primeiros ocupavam, em geral, na opinião pública, uma posição distinta. Mas, como os cursos, além de extensos, eram sempre muito dispendiosos, principalmente para os escolares que tinham de sair para fora do seu país, poucos os podiam seguir. Por isso, o seu número era bastante reduzido, fazendo-se pagar por preços inacessíveis a muitas bolsas. Em consequência destes dois factos, grande número de indivíduos exercia a medicina sem ter, para tal, a necessária preparação, o que não poucos danos acarretava à saúde pública.

(2) Cf. Paul Diepgen, *Historia de la Medicina*, vol. I, *Edad Antigua — Edad Media*, trad. de E. García del Real, Barcelona-Buenos Aires, 1925, p. 211 e Stephan d'Irsay, *Histoire des Universités Françaises et Etrangères des Origines a nos jours*, T. I, *Moyen-Age et Renaissance*, Paris, 1933, p. 103.

Assim, já em 1140 o rei Rogério II da Sicília determinou que ninguém exercesse a profissão sem ter sido aprovado em exame. A disposição foi retomada, em 1240, por Frederico II que, além dos necessários exames, exigia um ano de prática, sob a orientação de um médico de acreditada competência⁽³⁾. Também Jaime I de Aragão, em 1272, proibiu a prática de medicina em Montpellier e seu território — de que então era soberano — sem que o futuro clínico tivesse sido, previamente, submetido a um interrogatório⁽⁴⁾. Aliás, desde 1239 que o regulamento do Estudo fazia do exame universitário a condição necessária para o exercício da profissão médica, prescrevendo, também, um estágio de seis meses⁽⁵⁾, condições que, dadas as disposições postas em vigor por Jaime I, não deviam ter sido muito rigorosamente cumpridas. As prescrições daquele monarca foram depois adoptadas em diversos países.

Pelas mesmas razões que noutros Estados, também entre nós proliferou o charlatanismo, e do mesmo modo chamou esse facto a atenção dos poderes públicos. Suscitou também, embora (que o saibamos) mais tardiamente, disposições tendentes a reprimi-lo.

Já antes de 1338, D. Afonso IV mandou que os físicos, cirurgiões e boticários fossem examinadas para poderem exercer estas profissões, a fim de evitar os danos causados por quantos a elas se dedicavam, sem possuírem os necessários conhecimentos. Segundo parece, os exames realizavam-se em Lisboa, perante Mestre Afonso e Mestre Gonçalo, físicos do rei⁽⁶⁾. Esta ordenação esteve em vigor durante o reinado

(3) Paul Dieppen, *ob. cit.*, p. 214.

(4) Stephen d'Irsay, *ob. cit.*, p. 146 e M. Ferreira de Mira, *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, 1947, p. 50.

(5) Stephen d'Irsay, *ob. cit.*, p. 119.

(6) Não nos é possível saber a data exacta desta disposição de D. Afonso IV, porque ela se encontra numa carta de 22 de Fevereiro de 1338, pela qual o monarca autoriza Mestre Domingos, natural de Viseu, a exercer as profissões de fisico e cirurgião em todo o reino, pois já anteriormente fora examinado e aprovado, tendo obtido então licença para praticar em Lisboa e seu termo. Ora esse exame tinha sido, como é óbvio, anterior à ordenação régia, que cita, mas que não pudemos encontrar.

Eis as palavras de D. Afonso IV, a que, aliás, nenhum dos historiadores

de D. Afonso IV, mas é provável que depois tivesse caído em desuso. Com efeito, sabemos que ela foi aplicada enquanto durou o governo deste monarca, pois temos provas disso no registo de algumas cartas de exame, relativas a esse período e que chegaram até nós⁽⁷⁾. Mas das épocas subsequentes, até ao reinado de D. Duarte, não encontramos vestígios de quaisquer exames.

Os curiosos continuariam por isso a praticar medicina e cirurgia sem que coisa alguma os impedisse. O seu número devia até ter aumentado, a partir da altura em que uma disposição universitária permitiu que bacharéis e escolares, aprovados por um Doutor ou Mestre, fizessem leituras sobre as várias disciplinas. Ora como, por certo, nem todos esses leitores seriam de reconhecida competência e nem todos os ouvintes de uma assiduidade e uma consciência profissional exemplares, cresceu certamente o número dos «improvisados». Por isso, D. João I, por carta de 28 de Junho de 1430, se queixava de que muitos cristãos, judeus e mouros usavam de «física» sem a preparação necessária, o que provocava grandes danos. Para os evitar determinou que ninguém, homem ou mulher, cristão, judeu ou mouro, exercesse clínica antes de ter sido examinado e aprovado por Mestre Martinho, seu físico (que passou a ter o cargo de examinador oficial) e haver recebido carta régia, comprovativa da sua aprovação, assi-

de medicina portuguesa se refere: «Sabede que eu pera arredar dano das Jentes das mhas terras veendo e consirrando como muytos se faziam físicos e meestres e Celorgiãaes e botecairos e obrauam destes offiços em nas dictas mhas terras nom auendo eles sçienças nem sabedorias pera obrar delas. E pera esquiuar os danos. que de taes mestres poderiam aas gentes das mhas terras recreçer. Per esta razom mandey na mha çidade de lixboa fazer Eyxaminaçom a todos aqueles que em essa Cidade. obrauam destes offiços a qual eysaminaçom mandey fazer a mestre. affonso e a mestre. Gonçalo. meus físicos que eu mandey que fossem eysaminadores de todos aqueles que nos meus Reynos destes offizios quisessem obrar». (A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso IV*, liv. 4, fl. 24 v.º).

(7) Pedro de Azevedo («Físicos e cirurgiões do tempo de D. Afonso IV», in *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, nova série, 3.º ano, Porto, 1912, p. 3-11) faz referência a cinco cartas de cirurgia, passadas em favor de Aires Vicente (Lisboa), Mestre Julião (Alenquer), Mestre Martinho (Setúbal), Mestre Afonso (Viana) e Mestre Estêvão (Santarém). Não alude àquela de que falamos na nota anterior.

nada pelo dito Mestre Martinho e selada com o selo régio. A pena para os infractores era severa: prisão e perda de todos os bens para o rei⁽⁸⁾.

Como se depreende de uma carta de D. Afonso V, datada de 20 de Março de 1443, D. Duarte teria renovado as disposições de seu pai, autorizando Mestre Aires e Mestre Martinho, respectivamente físico e cirurgião régios, a examinarem os futuros esculápios. Mas, talvez porque os examinadores não fossem tão exigentes como seria para desejar e como, aliás, a importância das suas funções o pedia, muitos judeus, apesar de incompetentes, (e certamente não apenas judeus) obtinham licença para o exercício da «física» e da cirurgia. Assim se ocasionavam grandes danos e até mortes. Para obviar a este estado de coisas, ordenou o rei que todos os judeus, tanto físicos como cirurgiões, fossem reexaminados, fazendo caducar todas as cartas de licença anteriormente concedidas. Os exames só seriam prestados na corte e quem não viesse apresentar-se para os fazer, ficaria sujeito a prisão e a qualquer outra pena que o monarca entendesse por bem aplicar-lhe, caso fosse encontrado no desempenho da profissão⁽⁹⁾.

Estas medidas conservaram-se em vigor até ao século XVI. Para velar pelo seu cumprimento, foram dados ao físico-mor e ao cirurgião-mor, amplos poderes. Examinadores de todos os futuros físicos e cirurgiões, assinariam a carta comprovativa do acto que dava direito ao exercício legal da profissão,

(8) Antonio d'Almeida, «Collecção da maior parte dos Estatutos, Leis, Alvarás, Decretos e Ordens Relativas a Medicina e Cirurgia para servirem como Documentos á Historia da Sciencia de Curar em Portugal», in *Jornal de Coimbra*, vol. III, n.º XIV, Fevereiro de 1813, p. 205-206; Maximiano Lemos, *Historia da Medicina em Portugal — Doutrinas e Instituições*, vol. I, Lisboa, 1899, p. 78; Pedro José da Silva, *Principaes Factos da Pharmacia Portugueza nos seculos passados*, Lisboa, 1868, p. 5; Hernâni Monteiro, *Origens da Cirurgia Portuense*, Porto, 1926, p. 2; M. Ferreira de Mira, *ob. cit.*, p. 49-50.

(9) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 27, fl. 77-77 v.º. Alguns clínicos de reconhecia competência, até pelas funções que exerciam, não seriam abrangidos por esta ordenação. Eram eles: Mestre José, cirurgião do infante D. Fernando; os físicos e cirurgiões do duque de Bragança, dos condes de Ourém e Arraiolos e do arcebispo de Braga; Mestre Naeim, célebre oftalmologista de quem adiante nos occuparemos e Mestre José, físico do conde D. Pedro de Meneses, capitão de Ceuta.

documento que seria selado com o selo régio, pendente; tinham o direito de requerer a prisão dos que fossem encontrados a curar sem licença, os quais só seriam soltos por seu mandado; era-lhes permitido exigir a qualquer clínico a apresentação da carta de exame. Quem não exercesse a profissão provido destas exigências legais, além de preso, pagaria trinta dobras de banda ou dois marcos de prata, no caso, respectivamente, de ser físico ou cirurgião. Sendo a irregularidade conhecida por denúncia, estas quantias seriam divididas igualmente entre o físico-mor ou o cirurgião-mor e o denunciante⁽¹⁰⁾. O cirurgião-mor podia trazer consigo, por todo o lado, três homens armados com quantas e quais armas quisesse, tanto de noite como de dia, para o auxiliarem na prisão dos infractores⁽¹¹⁾.

Durante muito tempo, os certificados destes exames foram o único documento indispensável para o desempenho legal das profissões de físico e cirurgião. As excepções auto-

⁽¹⁰⁾ Legislação referente aos poderes do físico-mor: A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 10, fl. 96-96 v.º (transcrito in Sousa Viterbo, «Notícia sobre alguns médicos portugueses ou que exerceram a sua profissão em Portugal. Subsídios para a história da medicina portuguesa», quinta série, in *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, nova série, 3.º ano, Porto, 1912, p. 111-112); A. N. T. T., *Corpo Cronológico*, p. 1.ª, m. 10, n.º 110 (transcrito in Antonio d'Almeida, *ob. cit.*, vol. III, n.º XV, p. 282-283); A. N. T. T., *Leis*, m. 2, n.º 32 e m. 2, n.º 189 (transcrito, o último, in Antonio d'Almeida, *ob. cit.*, vol. II, n.º IX, p. 198-204). Os dois últimos documentos têm a data, respectivamente de 1515 e 1521, mas comportam disposições anteriores, confirmadas, aliás, por outra documentação. Legislação relativa aos poderes do cirurgião-mor: Antonio d'Almeida, *ob. cit.*, vol. II, n.º VII, p. 58-59 e vol. III, n.º XV, p. 277-278; A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 25, fl. 5 v.º (doc. continuado na mesma *chanc.*, liv. 26, fl. 88-88 v.º); Antonio d'Almeida, *ob. cit.*, vol. II, n.º VIII, p. 137-139; A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 8, fl. 55 v.º-56.

O assunto é tratado por Maximiano Lemos, *ob. cit.*, vol. I, p. 78-80; M. Ferreira de Mira, *ob. cit.*, p. 49-51 e ainda: Pedro José da Silva, *Ensino da Pharmacia em Portugal e nas principaes nações da Europa*, Lisboa, 1866, p. 6-9 Álvaro Colaço, *História do Ensino da Medicina Operatória em Lisboa*, Lisboa, 1925, p. 20-21 e Hernâni Monteiro, *ob. cit.*, p. 2-3. Por isso não nos detemos mais sobre ele.

⁽¹¹⁾ A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 8, fl. 55 v.º-56 e Antonio d'Almeida, *ob. cit.*, vol. II, n.º V, p. 58-59.

rizadas que se conhecem, pelo seu número e condições, podem, praticamente, desprezar-se⁽¹²⁾.

As provas prestadas fora do reino não tinham aqui qualquer validade e o clínico, português ou estrangeiro, portador de certificados obtidos além fronteiras, que, no nosso país, quisesse curar, seria obrigado a sujeitar-se, de novo, ao respectivo interrogatório. É o que nos diz o Regimento do Físico-mor⁽¹³⁾. E que assim se procedia provam-no várias cartas atestadoras destes «reexames»: em 1459, Mestre Moisés Vinho, morador em Badajoz, requereu exame de físico perante o Doutor Mestre Afonso Madeira, para poder praticar esta ciência quando vinha a Portugal⁽¹⁴⁾; Mestre André, natural de Sevilha, mostrou certificado comprovativo das suas habilitações como cirurgião, obtido na sua terra, mas de novo prestou provas, em 1468, para curar na Madeira, onde então morava⁽¹⁵⁾; no ano seguinte, Mestre Garcia, castelhano, físico e cirurgião do Conde de Vila Real, era examinado por físico em Castela mas, porque então morava em Ceuta, de novo foi interrogado sobre a matéria pelo físico-mor português⁽¹⁶⁾; o mesmo aconteceu a Mestre João de Sevilha, castelhano, em 1475⁽¹⁷⁾ e a Mestre Gonçalo, seu compatriota, dez anos mais tarde⁽¹⁸⁾. Mestre Álvaro era português, natural de Elvas, mas como vivera muitos anos em Castela, onde praticara a arte de «física», fora aí examinado pelo físico-mor. Regressado a Portugal, teve de demonstrar a sua competência nesta matéria perante o Doutor Mestre Rodrigo de Lucena, na altura encarregado de desempenhar estas funções⁽¹⁹⁾.

Das provas prestadas perante o físico-mor só eram dispensados os lentes com cadeira ordenada de «física» no Estudo de Lisboa, pois tinham sido examinados e aprovados pelos

(12) Cf. notas 1, 9 e 16 da lista II apresentada em apêndice.

(13) A. N. T. T., *Leis*, m. 2, n.º 32.

(14) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 36, fl. 225.

(15) *Idem, idem*, liv. 28, fl. 81 v.º.

(16) *Idem, idem*, liv. 30, fl. 155 v.º.

(17) *Idem, idem*, liv. 30, fl. 153.

(18) A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 20, fl. 32.

(19) *Idem, idem*, liv. 10, fl. 79.

reitores e lentes da Universidade e havidos por competentes para ler a dita ciência⁽²⁰⁾.

Como se disse atrás, o Regimento do Físico-mor, dado por D. Manuel em 1515, conservou estas e outras disposições relativas ao cargo, mas alargou a dispensa de exame aos Doutores e Licenciados pelo Estudo de Lisboa, aos quais bastava a carta passada por aquele estabelecimento. Não assim os graduados por qualquer Universidade estrangeira, fosse qual fosse o grau que tivessem obtido⁽²¹⁾. Tratava-se, por certo, de uma disposição tendente a impedir que os escolares, pelo menos os de medicina, abandonassem a Universidade portuguesa, para obter a sua formação profissional além fronteiras. Assim se impedia também que os médicos estrangeiros fossem desconhecidos da governação ou que «charlatães» invocassem graus que não tinham.

Por vezes, o povo compreendia o alcance destas disposições régias. Nas cortes de Évora de 1436, os procuradores de Santarém foram mais longe ainda. Pediram a D. Duarte que os alveitares fossem examinados como os clínicos, pois muitos maus alveitares matavam os animais que deveriam curar⁽²²⁾. Mas nem sempre assim acontecia e o curandeirismo era muitas vezes olhado com nítida simpatia. Nas cortes de Coimbra de 1472, queixaram-se os povos de que tanto o físico-mor como o cirurgião-mor, quando sabiam que alguma velha ou algum homem curavam com ervas e palavras santas por amor de Deus, fazendo assim muito proveito a todos, logo os mandavam prender, levando-lhes quarenta coroas ou, pelo menos, trinta e cinco e exigindo-lhes que, num determinado prazo, fossem «tirar carta». E os procuradores às cortes insinuavam que o seu procedimento era ditado pelo interesse monetário, dado que o examinando teria de pagar um marco

(20) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 9, fl. 57.

(21) A. N. T. T., *Leis*, m. 2, n.º 32.

(22) A. N. T. T., *Chanc. de D. Duarte*, liv. 1, fl. 145 v.º (transcrito in Pedro José da Silva, *Principaes Factos da Pharmacia Portuguesa*, p. 6 e cit. por Maximiano Lemos, *ob. cit.*, p. 79, entre outros). O rei acedeu ao pedido, mas só para Santarém e seu termo.

de prata pelo seu exame⁽²³⁾. D. Afonso V limitou-se, muito vagamente, a ordenar que o físico e o cirurgião-mores não fizessem coisa alguma a que os seus cargos os não autorizassem. Ao pedido de que estes oficiais-mores nada tivessem a ver com os que curavam com ervas e palavras, o soberano nada respondeu⁽²⁴⁾. Fazê-lo afirmativamente seria, por assim dizer, derrogar toda a legislação anterior que a importância do assunto fizera publicar.



Decorrentes das disposições tomadas pelos soberanos portugueses desde D. João I e até D. João II, conservam-se, nas respectivas chancelarias, os registos de 296 cartas de cirurgia e de «física», cuja análise passaremos a fazer.

Embora, à primeira vista, pareçam pouco generosas nos dados que nos fornecem — limitam-se, quase exclusivamente, a um formulário onde apenas parece variar o nome do examinando e a sua morada, além da data — ainda assim poderemos extrair delas interessantes conclusões, com o auxílio de uma ou outra carta mais minuciosa nas suas informações.

Assim, sabemos que o futuro físico ou cirurgião obtinha geralmente os seus conhecimentos pela prática com um mestre, durante um período variável de tempo. Afonso Álvares, um castelhano que, em 1490, tinha botica em Lamego e exercia «física» entre o povo, sabia bastante dessa ciência «pella. lomgura da prratica que nysso tem. com eicelemtes fisiquos»⁽²⁵⁾. A preparação inicial era, em certos casos, como atrás deixámos dito, obtida pela assistência às leituras feitas por bacharéis e escolares da Universidade.

(23) O regimento de 1515, já várias vezes citado, também mandava que o examinando pagasse ao físico-mor um marco de prata, mas acrescentava que assim se apurou ser o costume.

(24) José Pedro da Silva, *ob. cit.*, p. 154-155, onde se transcreve o documento. Cit. por Maximiano Lemos, *ob. cit.*, p. 79 e M. Ferreira de Mira, *ob. cit.*, p. 50, entre outros.

(25) A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 17, fl. 21 v.º.

Muitas vezes, essa aprendizagem fazia-se com membros da própria família, normalmente com o pai. Frequentemente também, o nóvel esculápio dizia-se «criado» — no sentido medieval do termo, no sentido de «educando» — de um mestre, e este teria sido o seu professor.

Dentre as cartas que analisamos, 63 permitem-nos estabelecer uma possível relação mestre-aluno: 30 dos examinados eram filhos de físicos ou cirurgiões; 27 diziam-se criados de clínicos. Os outros, eram netos, sobrinhos ou genros, com excepção de 2, que, apresentando-se para se fazerem examinar em cirurgia, se declararam escolares em «física»⁽²⁶⁾. À medida que faziam a sua preparação nesta ciência, iriam, do mesmo modo, adquirindo os conhecimentos cirúrgicos necessários para o exercício da profissão.

Estes 63 documentos relativos à relação mestre-aluno representam apenas 21,3% do total. Uma baixa percentagem, portanto. Mas, se analisarmos o teor das cartas, vemos que, até 1480, são um pouco menos lacónicas — talvez por serem em menor número⁽²⁷⁾. A partir dessa altura, os dados reduzem-se, quase sempre, ao mínimo e uma grande parte dos documentos são registados em ementa, para maior brevidade. Por isso, a referência à relação mestre-aluno deve ter sido, em vários casos, suprimida. Ora, precisamente a grande maioria dos registos nas condições que estudamos — 49 — situam-se antes de 1480. Assim, aquela percentagem, para este período, sobe a 33,6%, enquanto para depois de 1480, desce a 9,4%.

Talvez não errássemos muito afirmando que encontraríamos, por certo, percentagem bastante mais elevada para o espaço de tempo compreendido entre 1480 e 1495, se as condições de registo fossem idênticas. Acresce ainda que as cartas correspondentes a este período mencionam quase exclusivamente as relações de filiação, de certo por serem as mais importantes⁽²⁸⁾.

(26) Cf. a lista II apresentada em apêndice.

(27) Cf. o que dizemos adiante.

(28) Com efeito, são apenas 14 os documentos correspondentes aos últimos 15 anos que estudamos e, neles, 12 dos futuros clínicos dizem-se filhos de um mestre e apenas 2 se dão como criados. Se compararmos com o período

Tratava-se assim de um ensino individual, familiar numa grande parte dos casos, de tendência marcadamente prática. Até certo ponto, aliás, acontecia o mesmo com os médicos de formação universitária: o ensino ministrado no Estudo era exclusivamente teórico, feito na base de comentários aos textos da medicina greco-árabe, sobretudo das obras de Galeno e Avicena; a prática era obtida fora da Universidade, junto de um médico. Depois do bacharelato, os escolares procuravam, muitas vezes, acompanhar os seus mestres nas visitas aos doentes, ou entrar nos hospitais⁽²⁹⁾.

Feita a aprendizagem e após ter obtido uma certa prática, o futuro clínico dirigia-se ao rei pedindo-lhe que o mandasse examinar, pois aprendera tanto da ciência e arte de «física» ou cirurgia — conforme os casos — que se considerava apto a tratar com eficiência todos quantos requisitassem os seus serviços. Só não ousava praticar com receio das penas impostas pelas ordenações aos que curassem sem possuir a respectiva carta de licença⁽³⁰⁾.

Por vezes, não eram os próprios candidatos que requeriam a autorização — eram os concelhos: ou porque a necessidade era grande⁽³¹⁾, ou talvez porque o clínico tinha já assegurada

anterior, em que a 18 filhos de médicos, correspondem 25 criados, vemos que a relação é totalmente diversa. Não é fácil que o ensino deixasse de se fazer de amo para criado; é mais provável que, vistas as condições atrás apontadas, as relações de criadagem deixassem de ser sempre mencionadas. Aliás, ser criado de um médico não devia constituir motivo de orgulho bastante para nunca ser deixado no esquecimento, como sucedia no caso de relações idênticas com o rei ou um grande senhor.

⁽²⁹⁾ Paul Dieppen, *Historia de la Medicina*, I, p. 213-214.

⁽³⁰⁾ Quase todas as cartas formulam o pedido de exame nestes termos. Vid., entre muitas outras: A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 1, fl. 8; liv. 7, fl. 22 v.º; liv. 9, fl. 131; liv. 12, fl. 116; liv. 20, fl. 122; liv. 23, fl. 62; liv. 26, fl. 87; liv. 30, fl. 68 v.º; liv. 33, fl. 44; liv. 34, fl. 119 v.º e 183; liv. 38, fl. 37 v.º. *Chanc. de D. João II*, liv. 1, fl. 50 e 104; liv. 8, fl. 53 v.º e 134 v.º; liv. 10, fl. 101; liv. 11, fl. 123; liv. 13, fl. 43; liv. 15, fl. 101 v.º e 102 v.º; liv. 19, fl. 121 v.º; liv. 20, fl. 88; liv. 24, fl. 150 v.º.

⁽³¹⁾ Em 1491, o concelho e homens bons de Pena, na terra de Barroso, mandaram dizer a D. João II que não tinham nenhum físico nem homem que soubesse dar remédio a suas enfermidades, a não ser Afonso Eanes, que era

a sua reputação quando resolvera não praticar mais, antes de obter autorização régia. É natural que, sendo assim, os clientes não quisessem ficar privados do seu médico e fizessem todo o possível por assegurar os seus serviços⁽³²⁾. Acontecia mesmo que nobres e clérigos apoiavam, com a sua autoridade, a petição dos concelhos⁽³³⁾.

O exame de «física» consistia na leitura de textos, por certo os mesmos que eram utilizados na Universidade, e num interrogatório sobre o assunto da leitura e fora dele⁽³⁴⁾. Havia, além disso, uma prova prática. O documento que melhor nos elucida sobre os exames médicos extra-universitários, é a carta de física de Mestre Cofem, genro de Mestre Moisés Boino, examinado no dia 3 de Outubro de 1459, pelo físico-mor Doutor Mestre Afonso Madeira.

Os «pontos pera seu ysame» foram extraídos da obra de Avicena — do *Cânon*. Iniciou-se a prova com a leitura do segundo capítulo da doutrina terceira, extraído do livro pri-

muito bom mestre mas não queria «curar deles» sem para isso ter licença régia. Pediram ao monarca que tivesse deles piedade e D. João acedeu, embora não autorizando o exercício da clínica fora do concelho (A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 10, fl. 31).

⁽³²⁾ Vasco Eanes e Isabel Martins, ambos cirurgiões, moradores, respectivamente, em Faro e em Montemor-o-Velho, foram examinados a pedido dos oficiais e homens bons de suas terras (A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 34, fl. 64 e liv. 15, fl. 99 v.º).

⁽³³⁾ Em 1450, o D. Abade e Convento do Mosteiro de Alcobaça pediram licença para Martim Gonçalves, morador no Mosteiro, poder usar de cirurgia, porque era muito necessário para esta casa de religião, terras e comarca em redor, e sempre fizera boas curas (A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 34, fl. 186); D. Rodrigo de Monsanto, fidalgo da casa de el-rei e alcaide-mor da Covilhã, apoiou o pedido desta vila para que Mestre Samuel Abenassel pudesse usar da arte de «física», pois era médico competente e fazia muitas curas (A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 2, fl. 162 v.º); também o deão, dignidades e cabido de Lamego pediram com o concelho desta cidade que Afonso Álvares, castelhano, boticário que aí esteve algum tempo com sua botica e dava ao povo conselhos muito proveitosos em «física», pudesse praticar esta ciência (A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 17, fl. 21 v.º).

⁽³⁴⁾ A Mestre Abraão Abençação, morador em Bragança, foram dados «capítulos e textos a leer e nelles e fora delles mujtas questões lhe perguntando ao que bem e asaz soficientemente Respondeo e leo» (A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 38, fl. 37 v.º).

meiro do médico árabe. Começou, portanto, por ser interrogado sobre anatomia e fisiologia. Seguiu-se um questionário sobre a primeira parte do quarto livro, «cura das feures prutidas en jeeral» e, por último, ainda dentro do quarto livro, respondeu a perguntas sobre a matéria correspondente à terceira parte, tendo lido o «capitollo do flezimo»⁽³⁵⁾. Seria portanto uma segunda parte do exame, sobre patologia geral⁽³⁶⁾. Acerca das matérias tratadas no livro primeiro de Avicena, teria também respondido Moisés Arrobas, físico judeu, natural de Albuquerque, que viera fixar residência em Portugal⁽³⁷⁾.

O exame constava também, como atrás diremos, de uma parte prática, mas esta podia ser substituída por testemunhos fidedignos, tanto orais como escritos⁽³⁸⁾.

Seria este o «estillo acostumbrado»⁽³⁹⁾ mas, em certas ocasiões fugia-se um pouco à regra, adaptando-se as provas às condições especiais de alguns casos. Mestre Samuel Abenassel, da Covilhã, foi examinado a pedido do concelho e homens bons da vila e ainda de D. Rodrigo de Monsanto, fidalgo da casa do rei. O candidato era iletrado, e talvez por isso não se apresentou ele próprio a requerer o exame. Também por isso, o rei se limitou a ordenar ao físico-mor que «falasse com o dicto mestre samoell pera nos dizer o que em ele achaua»⁽⁴⁰⁾.

Afonso Eanes, de Curros, nem sequer foi examinado. No concelho de Pena não havia médico e só ele sabia tratar

(35) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 35, fl. 36.

(36) Sobre a composição do *Cânon* de Avicena, a sua mais importante obra de medicina, vid., entre outros, E. Bouchut, *Histoire de la Médecine et des Doctrines Médicales*, T. I, Paris, 1873, p. 254; René Dumesnil, *Histoire Illustrée de la Médecine*, Paris, 1935, p. 82; Luís de Pina, *História Geral da Medicina*, vol. I, Porto, 1954, p. 372.

(37) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 33, fl. 54 v.º. Não é citado o nome do médico árabe, mas, na especificação dos textos lidos, as divisões — semelhantes às indicadas na carta de Mestre Cofem — correspondem, com toda a verosimilhança, às da obra de Avicena.

(38) O regimento do físico-mor, de 1515, também aceita a substituição.

(39) Assim se diz na carta de físico de Mestre Jacob Tobi, morador em Elvas (A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 26, fl. 89).

(40) A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 2, fl. 162 v.º.

dos doentes, mas não tinha licença para tal. A pedido dos habitantes daquela terra, D. João II autorizou-o a exercer clinica, mas só entre os moradores do concelho, «pois que ssam contentes de sua cura e dizem que se acham bem della» (41).

Não sabemos se as provas eram prestadas unicamente perante o físico-mor(42) ou se outros clínicos estavam presentes, na qualidade de examinadores. É certo que Mestre Abraão Abençação foi interrogado pelo Doutor Mestre Afonso Madeira com a assistência de Mestre Abraão Guedelha, físico do rei, de Mestre Moisés, físico em Santarém — vila onde se realizaram as provas — e ainda de outros (43). É provável que esta fosse a regra, tanto mais que o regimento do físico-mor, de 1515, também exigia a presença de dois físicos da corte ao lado do principal examinador — podendo embora esse número baixar para um, em caso de necessidade. Mas nada podemos afirmar em definitivo, pois nenhum outro esclarecimento nos resta, do período que estudamos, além do documento acima indicado.

Os oftalmologistas deviam ser examinados por um especialista — um «mestre na arte dos olhos». Em 1434, era Mestre Nacim quem recebia esse encargo(44), ao qual, mais tarde, renunciou em favor de seu filho, Mestre Jacob(45).

Se o candidato era aprovado(46) recebia a carta de exame, e com ela podia exercer a sua profissão em todo o país. Por

(41) *Idem, idem*, liv. 10, fl. 31.

(42) Tudo quanto deixámos dito sobre exames refere-se apenas a físicos, porque, no respeitante a cirurgiões, nada pudemos averiguar, por falta de elementos.

(43) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 38, fl. 37 v.º.

(44) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 20, fl. 45 v.º. Vide o que sobre este cirurgião diz Silva Carvalho (*História da Oftalmologia Portuguesa (Até ao fim do século XVI)*, Lisboa, 1939, p. 9-11), embora nem todas as suas afirmações possam ser consideradas absolutamente rigorosas.

(45) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 28, fl. 88 v.º.

(46) A aprovação era normalmente indicada pelas expressões: «idónio e pertencente» e «suficiente», mas também por «pertencente», «assás suficiente», «assás ilónio», «competente», «auto e pertencente», «assás idónio e pertencente», etc. Estará já aqui um esboço de classificação dos examinandos?

vezes, punham-se reservas ao novo clínico, ou em relação aos locais onde podia exercer o seu mister, ou em relação às doenças «de que podia curar» (47). Neste caso, não sabemos se teria sido considerado incompetente para tratar certas enfermidades, ou se era o próprio físico ou cirurgião, porque não aprendera a «curardelas», quem pedia a restrição.

Ao receber a carta, o novo médico jurava sobre os Santos Evangelhos que «bem e verdadeiramente e sem qualquer engano nem malícia», usaria da sua profissão com cristãos, judeus e mouros. No caso de se tratar de clínicos israelitas, o juramento era feito sobre o Tora — «em sua lei», conforme a expressão empregada pelos documentos.

A maior parte das cartas de licença concedidas durante o período que estudamos — 62,5% — são de cirurgia. Socialmente menos considerados que os físicos, visto ter a sua profissão um carácter principalmente manual — a arte de curar feridas — eram, no entanto, os cirurgiões, bastante mais numerosos, dado que a sua profissão não exigia, na época, uma aprendizagem muito morosa. O seu domínio próprio não ia além do curativo de feridas, fracturas, luxações, extracção de tumores e abertura de abcessos superficiais, além de algumas intervenções operatórias não muito complexas; abrangia também o tratamento de doenças da pele (48).

Entre os 185 cirurgiões autorizados a exercer clínica, alguns havia especializados em determinadas doenças. A oftalmologia tinha, como já vimos, os seus praticantes, alguns bastante estimados. Que esta especialização era considerada de grande importância, prova-o suficientemente o facto, atrás apontado, de se ter conferido a um especialista o encargo de examinar estes médicos, embora talvez só os judeus, uma vez que os dois examinadores de que temos notícia também eram israelitas (49).

(47) Cf. lista II publicada em apêndice.

(48) Paul Diepgen, *Historia de la Medicina*, vol. I, p. 173.

(49) Com efeito, Rui Gonçalves, o único oftalmologista cristão cuja carta de médico pudemos encontrar, foi examinado, não por Mestre Nacim, mas pelo cirurgião-mor, Mestre Gil (A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 13, fl. 179). Cf. o que atrás deixámos dito sobre os examinadores.

Mas, além desta, outras especialidades clínicas se mencionam: a arte de «tirar potras e pedras»⁽⁵⁰⁾ e de operar hérnias e quebraduras — a urologia —⁽⁵¹⁾, de curar «papos»⁽⁵²⁾, de ensalmar, então também considerada como fazendo parte do ofício de cirurgia⁽⁵³⁾.

Em contrapartida, os físicos aprovados parecem ser todos médicos de «clínica geral». Entre as cartas que nos foi dado compulsar nenhuma indicação se colhe de especialidades clínicas caindo dentro do seu campo de acção⁽⁵⁴⁾.

Bastante mais de metade das cartas — 63,5 % — foram passadas em favor de judeus⁽⁵⁵⁾. É conhecido o interesse que os israelitas nutriam pelas profissões médicas. Alguns deles chegaram a ocupar distintíssimas posições neste campo, tendo deixado obras de grande valor. Isto, que se verificava na Europa, não podia deixar de ter paralelo no nosso país, onde os hebreus gozaram, durante toda a Idade Média, de uma tranquilidade e de uma autonomia bastante grandes, que lhes

⁽⁵⁰⁾ A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 1, fl. 104

⁽⁵¹⁾ A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 31, fl. 20 v.º. Silva Carvalho, na sua *História da Urologia em Portugal. Até ao meiado do século XIX* (Lisboa, 1925, p. 3-4), indica, como primeiros especialistas neste ramo, em Portugal, João Genovês e António Barroco, ambos italianos, que obtiveram licença para exercer, respectivamente em 1504 e 1526. Podemos apontar, anteriores a estes, Mestre Pedro e Mestre Rodrigo, este último castelhano, a cujas cartas de exame, recebidas respectivamente em 1469 e 1486, nos reportamos no texto.

⁽⁵²⁾ A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 11, fl. 3 v.º.

⁽⁵³⁾ A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 37, fl. 79 v.º e *Chanc. de D. João II*, liv. 12, fl. 39.

⁽⁵⁴⁾ É curioso deixar aqui arquivada menção a uma especialidade, no campo da «física», registada na chancelaria de D. Afonso IV e à qual, que sabemos, nenhum dos nossos historiadores da medicina alude, nem sequer Pedro de Azevedo, quando estudou os médicos sobre que se encontram elementos na chancelaria daquele monarca (cf. *ob. cit.*, p. 3-11). Trata-se de Mestre Domingos, natural de Viseu mas, por certo, residente em Lisboa, pois, no início da sua carreira, só aí podia exercer clínica. Era, como tantos outros, físico e cirurgião e é dito «meestre nas artes das Tosses». Pensamos estar perante um especialista em doenças diagnosticadas por aquele sintoma — isto é, em doenças pulmonares (A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso IV*, liv. 4, fl. 24 v.º).

⁽⁵⁵⁾ Não podemos garantir que este número não seja maior, dado que é impossível afirmar que todos os nomes aparentemente cristãos, o sejam na verdade. Em face desta impossibilidade só considerámos judeus os indivíduos de nome indubitavelmente hebraico.

facilitava, em muito, a escolha e exercício das profissões mais do seu agrado. O Prof. Luís de Pina afirma que a sua acção neste campo, em Portugal, foi tão notável, que podemos dizer que até ao século XVIII, eram israelitas os maiores médicos portugueses⁽⁵⁶⁾.

Entre os judeus, cujas cartas de licença estudamos, alguns havia que ocupavam uma posição de relevo. Lembremos, por exemplo, os já citados oftalmologistas Mestre Nacim e seu filho Mestre Jacob, cirurgião do príncipe D. João⁽⁵⁷⁾; Mestre Guedelha Goleima, cirurgião do Infante D. Henrique⁽⁵⁸⁾; Mestre Vivas Branco, filho de um criado do mesmo Infante, Mestre José Branco, cirurgião como o filho⁽⁵⁹⁾; Mestre Samuel Goleima, filho de um físico e cirurgião do rei, Mestre Jacob Goleima⁽⁶⁰⁾, entre outros.

Alguns estrangeiros figuram também na lista que analisamos. O seu número, como seria de esperar, não parece elevado — apenas 24 — e, ainda assim, não temos a certeza de que todos eles fossem, na verdade, estrangeiros.

Como é natural, a maior parte é constituída por castelhanos — 15⁽⁶¹⁾ — número a que teremos de acrescentar um físico e um cirurgião que expressamente se dizem galegos. Além destes, dois catalães, dois franceses⁽⁶²⁾, um aragonês⁽⁶³⁾,

(56) «Medicina e Médicos», in *Dicionário de História de Portugal*, dir. pelo Dr. Joel Serrão, vol. III, em publ., p. 4.

(57) Cf. p. 82.

(58) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 34, fl. 193 v.º.

(59) *Idem, idem*, liv. 8, fl. 29 v.º.

(60) *Idem, idem*, liv. 34, fl. 194.

(61) Dentre estes, três usam o apelido «Toledano» ou «Toledão». Pode, é certo, tratar-se de apelido de família e não de indicativo de naturalidade, tanto mais que um destes indivíduos, Mestre Salomão Toledano, se diz filho de Samuel Toledano. Mencionamo-los entre os estrangeiros, porque pelo menos a sua ascendência castelhana se nos afigura indubitável. A corroborar a nossa hipótese há ainda o caso, que poderemos considerar semelhante, de Mestre João Catalão, que expressamente se diz estrangeiro. Cf. a lista II dada em apêndice.

(62) Não temos a certeza se seria esta, na verdade, a nacionalidade dos dois médicos. Eram irmãos, Mestre Bento e Mestre Baru Francês, filhos de Isaac Francês, e este nome podia ser apelido de família. Cf. o que deixámos dito na nota anterior.

(63) Tão pouco temos a certeza da nacionalidade deste cirurgião. Trata-se de Mestre Gonçalo, criado de Mestre Gonçalo de Valença de Aragão. Cf. lista II dada em apêndice.

um alemão e ainda um outro cuja nacionalidade não é indicada mas que, a avaliar pelo nome — João Garcia — será talvez peninsular.

Dentre estes, havia alguns já radicados em Portugal — e é, por certo, o caso da maioria daqueles cuja morada se indica, enquanto outros, talvez só de passagem se encontrassem no nosso país, querendo, no entanto, durante a sua permanência aqui, continuar a exercer legalmente a profissão. Será este o caso do citado João Garcia, que «uiera ora a estes nosos Regnos»⁽⁶⁴⁾? Pelo menos um deles, Mestre Moisés Vinho, residia em Badajoz, e só de quando em quando vinha a Portugal⁽⁶⁵⁾.

Algumas vezes é possível que se fixassem em terras portuguesas trazidos por um senhor que os tomara a seu serviço⁽⁶⁶⁾.

Entre todos estes médicos encontramos apenas uma mulher: Isabel Martins, de Montemor-o-Velho, que foi examinada em cirurgia em 1454, a pedido do concelho⁽⁶⁷⁾. Este caso de uma mulher assim «diplomada» é o primeiro e único de que temos notícia no século xv. Torna-se depois relativamente vulgar, durante o século xvi.

É ainda curioso notar que só quatro indivíduos se dizem barbeiros. Dentre eles, três obtiveram carta de cirurgia, e um de «física». Só a este é dado o título de Mestre⁽⁶⁸⁾. A que será devida tal «penúria» de barbeiros, uma vez que esta profissão esteve sempre tão ligada à medicina e à cirurgia? Camuflariam eles a sua actividade à sombra das sangrias e das extracções de dentes que praticavam, para o que não necessitariam de

(64) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 14, fl. 47.

(65) *Idem, idem*, liv. 36, fl. 225.

(66) É talvez o caso de Mestre Garcia, castelhano, físico e cirurgião do conde de Vila Real, que com ele fixou residência em Ceuta (A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 30, fl. 155 v.º) e de Mestre Rodrigo, alemão, cirurgião do duque de Bragança (A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 3, fl. 76). Cf. lista II dada em apêndice.

(67) A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 15, fl. 99 v.º. Cit. por Sousa Viterbo, «Notícia sobre alguns médicos portugueses ou que exerceram a sua profissão em Portugal. Subsídios para a história da medicina portuguesa», terceira série, in *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, Lisboa, 1895, p. 164.

(68) Cf. lista II dada em apêndice.

carta de licença? Ou esconderiam a sua anterior profissão, uma vez que, pela obtenção do certificado legal, alcançariam uma posição superior, com uma profissão mais considerada?

Menos ainda se fazem representar os farmacêuticos. Um castelhano, Afonso Álvares, em 1490 fez-se examinar em «física» a pedido do concelho de Lamego; aí residia e possuía uma botica onde preparava as suas mēzinhas⁽⁶⁹⁾. Um outro, Mestre João, residente em Tomar, aparece, no ano de 1473, mencionado como boticário.

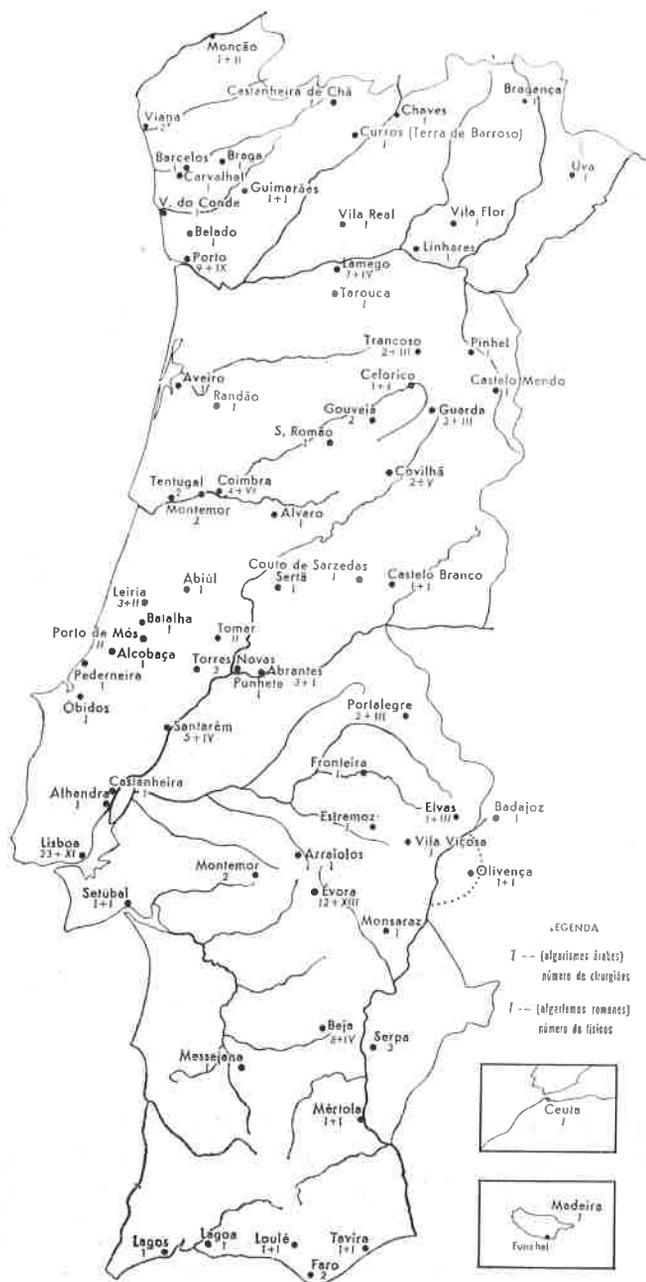
A grande maioria das cartas de exame indicam-nos a povoação onde o médico exercia clínica⁽⁷⁰⁾. A partir delas, podemos verificar que se estendiam por todo o país, desde Monção a Faro e desde Lisboa a Olivença, embora se concentrassem principalmente em quatro regiões: a Norte, numa área demarcada por Barcelos, Guimarães e Porto; na Beira, dentro da região delimitada por Pinhel, Trancoso, S. Romão e Covilhã; na Estremadura, na zona compreendida entre Coimbra, Sertã, Abrantes, Santarém e Óbidos; finalmente no Alentejo, na área circunscrita por Portalegre, Montemor-o-Novo e Monsaraz. No Algarve, uma série de povoações acompanhando a linha da costa tiveram também, nesta época, alguns dos seus clínicos examinados e aprovados, mas todas em número muito restrito. À volta da capital, pelo contrário, nota-se um quase vazio. Só um médico em Alhandra e, um pouco mais longe, em Setúbal, dois, foram aprovados durante este período.

Como é natural, concentrava-se em Lisboa o maior número de médicos por povoação — 34, sendo 11 físicos e 23 cirurgiões. Só esta cidade detinha, assim, mais de 14,5% do total dos clínicos examinados, cuja residência é conhecida.

(69) A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 17, fl. 21 v.º.

(70) Tentámos localizar todos os clínicos, mas só o conseguimos num pequeníssimo número de casos. Na maior parte das vezes era mesmo absolutamente impossível, pois nunca poderíamos saber se um Mestre Pedro ou um Mestre Abraão, ou até um Mestre José Romeiro, que exercia clínica em Santarém ou Elvas, se poderia ou não identificar com o que procurávamos.

Ainda algumas cartas não indicam a morada, mas sim a terra de nascimento. Na falta de outro elemento, entrámos em linha de conta com este.



Distribuição pelo país dos clínicos examinados.

Após a capital, Évora, com 25; Porto, com 18; Beja, com 13, eram as cidades onde maior número dos esculápios habitava. Se a estas povoações juntarmos Coimbra, Santarém e Covilhã, teremos encontrado o local de residência de quase metade dos indivíduos em causa. Se pensarmos que eles se distribuíam por 74 povoações, poderemos compreender como o seu número era reduzidíssimo, na maior parte das terras. Com efeito, se abstrairmos ainda Guarda, Lamego, Leiria, Portalegre, Trancoso e poucas mais, o número de médicos não vai além de um ou dois⁽⁷¹⁾.

É curioso notar que nas povoações onde apenas residia um só destes indivíduos, ele era, na maior parte das vezes, cirurgião.

Resta-nos saber em que relação estariam os médicos cujas cartas de exame analisamos, para com o total de clínicos existentes em cada povoação. Claro que, por ora, não podemos pronunciar-nos sobre o assunto, mas talvez trabalhos subsequentes possam vir a aclará-lo, permitindo-nos fazer uma ideia, ao menos aproximada, do total de físicos e cirurgiões que no século xv exerceram a sua profissão em Portugal.

O número de cartas concedidas varia imenso ao longo do tempo, mostrando sempre uma tendência para subir, tendência que se acentua, numa forma marcadíssima, a partir de 1480. Com efeito, se até esta data, os elementos que possuímos nos permitem obter uma média de 3,1 cartas por ano, essa média sobe, no período seguinte para 9,4 — isto é, triplica.

Podemos perfeitamente seguir essa tendência no quadro da página seguinte⁽⁷²⁾, se nos lembrarmos de que as nossas chancelarias medievais estão longe de ser completas e de que as quebras bruscas verificadas, correspondem à falta dos livros de registos de alguns dos anos do período que aqui estudamos. São de notar, principalmente, as baixas verificadas nos quin-

(71) Cf. o mapa junto.

(72) Para a elaboração deste quadro tivemos de desprezar duas cartas, dado que não se encontravam datadas nem pudemos, com relativa segurança, atribuir-lhes uma data.

quênios de 1446-1450, 1476-1480 e 1491-1495. Correspondem, cada uma delas, à falta dos registos de três anos⁽⁷³⁾, facto que para os últimos tempos do reinado de D. João II, é assás conhecido.

Clínicos examinados

Anos	N.º de Físicos	N.º de Cirurgiões	Total
1434-1440	1	5	6
1441-1445	1	16	17
1446-1450	5	5	10
1451-1455	5	18	23
1456-1460	11	7	18
1461-1465	8	8	16
1466-1470	10	10	20
1471-1475	13	20	33
1476-1480	3	9	12
1481-1485	10	39	49
1486-1490	33	34	67
1491-1495	11	12	23
<i>Total</i>	111	183	294

Podemos assim verificar como, a uma subida relativamente constante mas lenta até pouco passado o início do último quartel do século xv, se segue uma outra, vertiginosa, até ao seu final.

Claro que a interpretação deste quadro só seria válida em função das conjunturas sociais, culturais e económicas do século xv português, o que, pensamos, ultrapassaria o âmbito do trabalho que nos propusemos. Limitamo-nos, portanto, a registar estes dados e a chamar para eles a atenção.

(73) Além destes, verifica-se ainda a falta dos registos relativos a sete anos, no período que vai de 1456 a 1470 e ainda os de um ano nos períodos de 1471-1475 e de 1481-1485. Cf. A. Braamcamp Freire, «A Chancelaria de D. Afonso V», in «*Archivo Historico Portuguez*, vol. II e III, Lisboa, 1904-1905 e «A Chancelaria de D. João II», in «*Archivo Historico Portuguez*, vol. II, Lisboa, 1904.

APÊNDICES

I

EXAMINADORES

a) Físicos

Nome	Data da nomeação	Data do primeiro exame	Data do último exame
Mestre Martinho, físico do rei (1)	1430-Jun. -28	?	?
Mestre Aires, físico do rei	?	1440-Jun. - 8	1453-Maio-17
Mestre João, físico do Infante D. Pedro e Mestre Fernando, físico do rei (2)	?	1446-Dez. -20	?
Fernando Alvares Cardoso, protonotário da Sé Apostólica e deão de Évora, confessor-mor e físico-mor	1454-Set. -12	1454-Dez. -23	1455-Jan. -24
Mestre Martinho, físico-mor	?	1456-Jul. -19	1456-Nov.-18

(1) Não nos resta qualquer carta de licença para exercer «física», assinada por Mestre Martinho.

(2) Existe apenas uma carta assinada por ambos. É possível que durante a regência do Infante D. Pedro, tenham alternado nos exames com Mestre Aires, à semelhança do que também aconteceu com os exames dos cirurgiões (Cf. o quadro seguinte e nota 8). A partir de 1449, é provável que Mestre Aires tenha retomado, sozinho, as suas funções.

Nome	Data da nomeação	Data do primeiro exame	Data do último exame
Doutor Mestre Afonso Madeira, físico-mor	?	1459-Mar. -13	1475-Jun. -28 (³)
Doutor Mestre Rodrigo de Lucena, físico-mor	1475-Set. -13	1476-Jul. -30 (⁴)	... (⁵)
Doutor Mestre Lourenço (⁶)	?	1475-Nov. -20	?

b) Cirurgiões

Nome	Data da nomeação	Data do primeiro exame	Data do último exame
Mestre Gonçalo, cirurgião-mor	?	1435-Ab. -25	1439-Jun. -27
Mestre Martinho, cirurgião-mor	1439-Dez. -14	1439-Ag. - 3 (⁷)	1445-Set. -20

(³) Existe ainda uma carta de 26 de Dezembro de 1475, passada em nome deste físico. Mas, a não ser que estejamos perante um caso em que se considerou o dia de Natal como início do ano, o que não é inverosímil para esta época, correspondendo portanto aquela data a igual dia de 1474, deve tratar-se de engano, porquanto na mesma altura já aquele examinador tinha falecido. Com efeito, quando em 13 de Setembro de 1475, o Doutor Mestre Rodrigo de Lucena foi nomeado físico-mor, disse-se que recebia o cargo pela maneira como o tinha o Doutor Mestre Afonso Madeira, que se «finou» (A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 30, fl. 30).

(⁴) Já antes, em 9 de Outubro de 1464, tinha assinado uma carta de exame, na ausência do Doutor Mestre Afonso Madeira. Mas não o fez ainda como físico-mor.

(⁵) Continuou a exercer as mesmas funções durante o reinado de D. Manuel.

(⁶) Resta uma única carta passada pelo Doutor Mestre Lourenço, que nela se intitula físico-mor. No entanto, à data, já o Doutor Mestre Rodrigo de Lucena tinha sido nomeado para aquele cargo. Tê-lo-ia Mestre Lourenço exercido durante alguns meses, por impedimento de Mestre Rodrigo?

(⁷) Exame anterior à sua nomeação, que talvez já tivesse sido feita verbalmente, ou mesmo por alvará.

Nome	Data da nomeação	Data do primeiro exame	Data do último exame
Mestre João, fisico do Infante D. Pedro e Mestre Gil, cirurgião do rei ⁽⁸⁾	?	1444-Fev. -10	1446-Ab. - 3
Mestre Gil, cirurgião-mor	1448-Out. -23	1450-Maio- 6	1467-Nov.- 9
Doutor Mestre Fernando, cirurgião-mor ⁽⁹⁾	1468-Jun -15 (¹⁰)	1471-Fev. -23 (¹¹)	1484-Nov.-15
Doutor Mestre Afonso Madeira, fisico-mor ⁽¹²⁾	?	1468-Ag. -17 (¹³)	?
Mestre Gil, cirurgião do Infante D. Fernando ⁽¹²⁾	?	1469-Mar.-17	1474-Maio-20
Doutor Mestre António, cirurgião-mor	?	1485 ... (¹⁴)	... (¹⁵)

(8) Durante algum tempo, que corresponde, «grosso modo», à regência do Infante D. Pedro, alternaram nos exames com Mestre Martinho (Cf. quadro anterior e nota 2).

(9) Herdou o cargo de seu pai, Mestre Gil, que em vida obtivera do rei a sua concessão para o filho. Era ainda Bacharel quando foi nomeado cirurgião-mor e devia ter-se ausentado quase imediatamente do país, pois logo em Agosto do mesmo ano foi substituído nos exames pelo fisico-mor e depois, até 1474, por Mestre Gil, cirurgião do Infante D. Fernando. A sua ausência foi motivada pela continuação dos estudos, pois no seu regresso a Portugal ele era já Doutor em «Arte» e em «Física». Mas não regressou logo após o doutoramento. Podemos datar aquele acto entre 4 de Dezembro de 1471 e 1 de Maio de 1472, pois na primeira daquelas datas é ainda chamado Bacharel e na segunda já se intitula Doutor; no entanto, só depois de Maio de 1474 é que ele começa a examinar, com regularidade os cirurgiões portugueses.

(10) Foi confirmada por D. João II, em 9 de Fevereiro de 1483.

(11) Não marca ainda o início da sua actividade regular, que, como deixámos dito, só se verifica em 1474. Mencionamo-la porque o Doutor Mestre Fernando era já cirurgião-mor. Viera a Portugal e teria, por certo, durante a sua permanência no país, exercido as funções inerentes ao seu cargo.

(12) Em substituição de Mestre Fernando.

(13) É a única carta de cirurgia passada por este fisico.

(14) Esta carta, que não tem a data completa, não é a primeira assinada pelo Doutor Mestre António. Já antes tinha feito, pelo menos, um exame, em 19 de Setembro de 1483. Como não era ainda cirurgião-mor, porque este cargo continuava a ser desempenhado pelo Doutor Mestre Fernando, é a carta de 1485 que marca o início da sua actividade neste campo.

(15) Continuou a exercer as mesmas funções durante o reinado de D. Manuel.

c) Oftalmologistas

Nome	Data da nomeação	Data do primeiro exame	Data do último exame
Mestre Nacim	1434-Jun. - 5	1443-Ag. - 3 (16)	?
Mestre Jacob, filho de Mestre Nacim, cirurgião do príncipe (17)	1468-Set. - 9	?	?

(16) É a única carta passada por Mestre Nacim.

(17) Não resta qualquer carta assinada por Mestre Jacob.

II

FÍSICOS E CIRURGIÕES EXAMINADOS

Data	Nome	Morada	Exame
1434-Junho - 5	Mestre Nacim (1)	Lisboa	Oftalmologia
1435-Abril -25	Mestre Samuel Souçol	?	Cirurgia
1439-Junho-27	Mestre João de Arruda, criado de Mestre Gonçalo	?	Cirurgia
1439-Ag. - 3	Mestre Pedro, escolar em física	?	Cirurgia
1440-Jan. -27	Mestre Belhamim	Leiria	Cirurgia
1440-Junho- 8	Mestre David Sapaia, filho de Isaac Sapaia	Tomar	Física
1441-Out. -15	Mestre Judas Roubem, criado de Mestre Salomão	Beja	Cirurgia
1441-Out. -30	Mestre Vivas, criado de Mestre Salomão	Serpa	Cirurgia
1441-Dez. - 1	Mestre Fernando	Lagos	Cirurgia
1441-Dez. - 4	Mestre Lopo, criado de Mestre Gonçalo, cirurgião de el-rei	?	Cirurgia

(1) Mestre Nacim não foi examinado nesta altura. Incluímos a sua carta nesta lista, porque por ela lhe dá o rei licença para exercer a sua profissão em todo e reino, finalidade que tinham as cartas de exame. Foi-lhe dado, ao mesmo tempo, o encargo de examinar todos os outros oftalmologistas. Teve a sua carta confirmada por D. Afonso V, em 12 de Março de 1439.

Data	Nome	Morada	Exame
1442-Fev. -28	Mestre João	Montemor- -o-Novo	Cirurgia
1442-Abril -17	Mestre Judas Abenziza, filho de Moisés Abenziza	Lamego	Física
1443-Março-22	Mestre Gonçalo	Guarda	Cirurgia
1443-Ag. - 3	Jacob Valencim	Lisboa	Oftalmo- logia
1443-Dez. -12	Mestre Vicente, criado de Mestre Martinho, cirurgião-mor	?	Cirurgia
1444-Fev. - 3	Mestre José, filho de Abraão Zarco	?	Cirurgia
1444-Março- 9	Mestre Abraão, criado de Mestre Moisés, físico	Évora	Cirurgia
1444-Maio -11	Mestre Vivas, cirurgião, filho de Loução	?	Cirurgia
1445-Fev. -24	Mestre Pedro	?	Cirurgia
1445-Abril -17	Mestre José, filho de Mestre Jacob	Lisboa	Cirurgia
1445-Maio -20	Mestre Jacob Levi, filho de Mestre Nacim Lévi	[Lisboa]	Cirurgia
1445-Ag. - 6	Mestre Isaac Romeiro	Lisboa	Cirurgia
1445-Set. -20	Mestre António, criado de Mestre Luís	?	Cirurgia
1446-Abril - 3	Mestre Abraão	Leiria	Cirurgia
1446-Dez. -20	Mestre Lezer Toledão	Lisboa	Física
1449-Out. -14	Mestre Judas, filho de Mestre José Helhi	Lisboa (?)	Física
1449-Out. -14	Mestre Moisés, filho de Mestre José Helhi	Lisboa	Física
1450-Maio - 6	Vasco Eanes (?)	Faro	Cirurgia
1450-Maio -20	Mestre João	Beja	Cirurgia

(?) Examinado a requerimento dos oficiais e homens bons de Faro.

Data	Nome	Morada	Exame
1450-Ag. -19	Mestre Judas, filho de Mestre Moisés	Lisboa	Física
1450-Out. -22	Mestre Samuel Goleima, filho de Mestre Jacob Goleima, fisico e cirurgião de el-rei	Lisboa	Cirurgia
1450-Nov. - 4	Mestre Judas	Covilhã	Física
1450-Dez. -10	Martin Gonçalves ⁽³⁾	Mosteiro de Alcobaca	Cirurgia
1451-Abril -23	Mestre Fernando, criado de Mestre Gonçalo	Sertã (Nat.)	Cirurgia
1451-Set. - 2	Mestre Gomes, natural de Torres Novas, criado de Mestre Afonso	Lisboa	Cirurgia
1451-Out. -25	Mestre Guedelha Vivas	Beja	Cirurgia
1451-Dez. -28	Mestre Guedelha Goleima, cirurgião do Infante D. Henrique	[Covilhã]	Cirurgia
1452-Julho - 4	Mestre José Franco	Santarém	Física
1452-Set. - 8	João Eanes Calvo	Viana da Foz do Lima	Cirurgia
1452-Set. -15	Fernão Esteves, barbeiro	Porto	Cirurgia
1452-Set. -20	Mestre José Marcos	Porto	Física
1452-Out. - 6	Afonso Gonçalves, barbeiro	Porto	Cirurgia
1452-Nov. -21	Mestre Bento, judeu, filho de Isaac Francês	Coimbra	Cirurgia
1453-Fev. -25	Fernão Pires, criado do Conde de Arraiolos	Montemor-o-Novo	Cirurgia
1453-Abril -19	Mestre Davis, cirurgião ⁽⁴⁾	Lisboa	Cirurgia

⁽³⁾ Carta concedida a pedido do abade e convento do Mosteiro de Alcobaca. Diziam ser muito necessário um cirurgião para o mosteiro e terras e comarcas em redor.

⁽⁴⁾ Durante os dois primeiros anos, devia ter «parceiro certo que entenda», em todas as docenças perigosas que tivesse de tratar.

Data	Nome	Morada	Exame
1453-Maio -17	Mestre José Abeacar, filho de Abraão Abeacar	Évora	Física
1453-Out. -13	Mestre Pedro	Coimbra (nat.)	Cirurgia
1454-Jan. -24	Mestre Martinho, criado de Mestre Vasco	?	Cirurgia
1454-Jan. -24	Mestre Gaspar, criado de Mestre Vasco	?	Cirurgia
1454-Maio - 8	Mestre João Nogueira, criado de D. Filipa da Cunha	?	Cirurgia
1454-Out. -27	Isabel Martins, barqueira ⁽⁵⁾	Montemor-o-Velho	Cirurgia
1454-Nov. -21	Mestre Rodrigo, oleiro ⁽⁶⁾	Óbidos	Cirurgia
1454-Dez. -23	Mestre Salomão Belecide	Évora	Física
1455-Jan. -24	Mestre Salomão Beniatão	Setúbal	Física
1455-Maio -19	Mestre Gonçalo	Castanheira	Cirurgia
1455-Junho-20	Mestre Gonçalo, criado de Mestre Gil, cirurgião-mor	?	Cirurgia
1456-Março-10	Rui Gonçalves	Lisboa	Oftalmologia
1456-Julho -19	Mestre Abob	Porto	Física
1456-Set. -20	Mestre Judas Abenadi	Évora	Física
1456-Nov. -12	Mestre Moisés	Évora	Física
1456-Nov. -18	Mestre Samuel Toledão	Évora	Física
1456-Dez. - 2	Mestre Afonso, sobrinho de Mestre Rodrigo, antigo cirurgião do infante D. João	?	Cirurgia
1456-Dez. - 7	Mestre David Romeiro	Abrantes	Cirurgia

⁽⁵⁾ Examinada a requerimento dos oficiais e homens bons de Montemor-o-Velho.

⁽⁶⁾ Não pode curar «teridas de cabeça que tenha ossos quebrados E feridas da arca penetrantes aas partes de dentro».

Data	Nome	Morada	Exame
1459-Março-13	Mestre Pedro	Évora	Física
1459-Junho- 6	Mestre Pedro, criado de Mestre Gil, cirurgião-mor	?	Cirurgia
1459-Ag. - 6	Antão Martins	Lisboa	Física
1459-Ag. - 9	Mestre Marcos, filho de Mestre Salomão, físico	Porto	Física
1459-Set. - 5	Mestre Moisés Vinho (7)	Badajoz	Física
1459-Out. - 3	Mestre Cofem, natural de Lisboa, genro de Mestre Moisés Boino	Coimbra	Física
1459- . . . -25 (sic)	Mestre Gonçalo, criado de Mestre Gonçalo de Valença de Aragão	?	Cirurgia
1459- . . . -25 (sic)	Mestre Martinho	Porto	Cirurgia
1460-Jan. - 4	Mestre Abraão Abenação	Bragança	Física
1460-Abril-26	Mestre Salomão Romeiro, cirurgião	Abrantes	Cirurgia
1460-Set. -17	Samuel Goleima, cirurgião	Covilhã	Física
1461-Nov. - 6	Mestre Nacim, cirurgião	Lisboa	Física
1462-Jan. -18	Baru, filho de Mestre José Baru	Coimbra	Física
1462-Jan. -30	Mestre Gonçalo, cirurgião	Coimbra	Física
1462-Fev. -24	Abraão Pinto, filho de José Pinto	Évora	Física
1463-Abril -23	Mestre Judas Calvo, filho de José Calvo	Beja	Física
1463-Ag. -22	Mestre Vidal, cirurgião judeu	Elvas	Física
1463-Nov. - 2	Mestre Daniel, filho de Mestre Moisés Colodro	[Lisboa (?)]	Cirurgia
1464-Julho - 9	Mestre Abraão Abeacar, criado de Mestre Lázaro	Évora	Cirurgia

(7) Mestre Moisés Vinho requereu exame e obteve licença para exercer medicina, apenas nas ocasiões em que vinha a Portugal.

Data	Nome	Morada	Exame
1464-Julho -13	Mestre Judas Alfiul	Loulé	Cirurgia
1464-Set. -17	Mestre Fernando, cirurgião, criado de Mestre João Góis, físico do arcebispo de Braga	?	Cirurgia
1464-Out. - 2	Mestre Daniel Colodro, cirurgião, criado de Mestre Cacim	Lisboa	Cirurgia
1464-Out. - 9	Mestre José Levi	Trancoso	Física
1464-Dez. - 2	Mestre Vivas Branco, cirurgião, filho de Mestre José Branco, cirurgião, criado do infante D. Henrique	Lisboa	Cirurgia
1464-Dez. -20	Mestre Jacob Cordilha, cirurgião, filho de Lázaro Cordilha	[Lisboa (?)]	Cirurgia
1464-Dez. -31	Mestre João, criado de Mestre Rodrigo	Vila Viçosa	Cirurgia
1465-Nov. -27	Mestre João Garcia, «que uiera ora a estes nosos Regnos»	?	Física
1466-Março-20	Antão Ruiz de Rota, castelhano	Lisboa	Cirurgia
1466-Maio - 2	Mestre João Catelão, estrangeiro	?	Cirurgia
1466-Maio -20	Mestre Vidias Cofem, filho de Mestre Moisés	Santarém	Cirurgia
1466-Nov. -18	Martim Eanes Loureiro	Lagoa (Silves)	Cirurgia (Ensalmos)
1467-Fev. - 6	Mestre Salomão Romeiro, natural de Abrantes	Lisboa	Física
1467-Nov. - 9	Mestre Judas Soleira, cirurgião	Covilhã	Cirurgia
1468-Fev. -21	Mestre Abraão Carruco, neto de Mestre Salomão	[Tavira]	Física
1468-Ag. -17	Mestre André, natural de Sevilha ⁽⁸⁾	Madeira	Cirurgia

(⁸) Mestre André já antes tinha sido examinado em Castela, onde obtivera licença para praticar a cirurgia. Essa licença, porém, não era válida em território português, pelo que teve de sujeitar-se a novo exame.

Data	Nome	Morada	Exame
1468-Ag. -22	Mestre Pedro, criado de Mestre Álvaro	?	Física
1468-Set. - 9	Mestre Jacob, cirurgião do príncipe, filho de Mestre Nacim ⁽⁹⁾	?	Oftalmologia
1469-Jan. -20	Rabi Moisés «Abendauom»	Estremoz	Física
1469-Março-17	Mestre Pedro ⁽¹⁰⁾	Uva, terra do castelo de Ulgoso, Ordem do Hospital	Cirurgia
1469-Abril -28	Mestre Faim Amam	Lisboa	Cirurgia
1469-Julho - 5	Isaac Querido ⁽¹¹⁾	Guimarães	Física
1469-Set. -12	Mestre Garcia, castelhano, físico e cirurgião do Conde de Vila Real	Ceuta	Física
1469-Set. -24	Benziza, judeu	Lamego	Física
1469-Dez. -26	Mestre Salomão Sençol, cirurgião, filho de Mestre Samuel Sençol, físico e cirurgião	Loulé	Física
1470-Jan. -23	Mestre Isaac Meos (?)	Porto	Física
1470-Ag. -13	Mestre Abraão Carruco, neto de Mestre Salomão	Tavira	Cirurgia
1470-Dez. -26	Mestre Efraim, filho de Mestre Isaac, físico	Coimbra	Física

(9) Não foi examinado nesta ocasião, mas por certo o fora já antes, pois nos surge como cirurgião do príncipe. Mas só nesta data recebeu a sua «carta de oftalmologista», com o encargo de examinar todos os outros «mestres na arte dos olhos», em substituição de Mestre Nacim, seu pai, «ao quall aprouue de o maes nom teer por sua hidade sser tall pera que Ja comprja rreppouso». Cf. nota 1.

(10) Mestre Pedro era urologista: tinha-se especializado no tratamento de hérnias e quebraduras.

(11) A requerimento do concelho de Guimarães. Só poderia exercer clínica naquela povoação e em seu termo.

Data	Nome	Morada	Exame
1471-Jan. -19	Mestre Judas Beniatar, filho de Mestre Abraão Beniatar	Leiria	Cirurgia
1471-Fev. - 4	Mestre Baru Francês, cirurgião, filho de Isaac Francês	Coimbra	Física
1471-Fev. -23	Mestre José Guedelha, criado de Mestre Isaac	Mértola	Cirurgia
1471-Junho-20	Rabi Salomão Abendavide	Covilhã	Física
1471-Julho -24	Mestre Antão, criado de Mestre Gil	Punhete	Cirurgia
1471-Ag. - 7	Mestre Fernando, galego	?	Cirurgia
1471-Ag. -29	Mestre David Franco, filho de Mestre Judas, físico	Fronteira	Cirurgia
1471-Out. -10	Mestre José Romeiro	Santarém	Cirurgia
1471-Out. -12	Rabi Moisés Navarro	Évora	Física
1471-Out. -22	Mestre José Romeiro, escolar em física	Lisboa	Cirurgia
1471-Nov. - 1	Mestre João, criado de Mestre Afonso	Lisboa	Cirurgia
1471-Nov. -30	Mestre Judas do Campo	Monção	Física
1471-Dez. - 4	Mestre João	Portalegre	Cirurgia
1472-Maio - 1	Mestre Pedro Pinheiro	Montemor-o-Velho	Cirurgia
1472-Set. -11	Mestre Fernando, cirurgião, natural de Castela	?	Física
1472-Nov. -18	Rabi Mestre Moisés Latão	Leiria	Física
1472-Dez. -23	Mestre Samuel Zabouca	Santarém	Cirurgia
1473-Fev. -27	Moisés Arrobas, natural de Albuquerque	?	Física
1473-Março- 9	Mestre Leão Abeacar, criado de Mestre Lázaro	Évora	Cirurgia
1473-Julho -11	Mestre João, boticário	Tomar	Física

Data	Nome	Morada	Exame
1473-Julho -28	Lopo Madeira	?	Cirurgia
1473-Nov. - 3	Mestre Jacob Tobi	Guarda	Cirurgia
1474-Março-20	Mestre Moisés Pinto	Évora (?)	Cirurgia
1474 (?)	Mestre Pedro, cirurgião	?	Cirurgia
1475-Jan. - 5	Mestre José Navarro	Évora	Física
1475-Jan. -27	Mestre Salomão Coruchel	Guimarães	Física
1475-Fev. - 3	Mestre José, cirurgião	Oliveira	Cirurgia
1475-Fev. -12	Mestre Salomão Vivas, cirurgião, criado de Mestre José Pinto	Évora	Cirurgia
1475-Março- 4	Mestre Santo Tobi, filho de Mes- tre Moisés Tobi	?	Física
1475-Abril -24	João Rodrigues, cirurgião	Lisboa	Cirurgia
1475-Junho-28	José Belecide	?	Física
1475-Dez. -16	Mestre Moisés Azer, cirurgião, criado de Mestre José Pinto	Évora (?)	Cirurgia
1475-Dez. -26	Mestre João de Sevilha, caste- lhano	?	Física
1476-Julho -30	Mestre José Romeiro	Lisboa	Física
1478-Nov. -20	Lázaro Navarro	Évora	Física
1479-Nov. -10	Mestre Salomão, filho de Mestre Moisés	Santarém	Cirurgia
1480-Fev. -10	Mestre Salomão Gabai	?	Cirurgia
1480-Abril -17	Mestre Simão	Évora	Cirurgia
1480-Maio -21	Mestre José Romeiro	Évora	Cirurgia
1480-Junho-22	Afonso Lourenço	?	Cirurgia
1480-Ag. -16	Rabi David, filho de Salomão Ne- gro	Lisboa	Física
1480-Out. - 6	Fernão Martins	Abiul	Cirurgia

Data	Nome	Morada	Exame
1480-Nov. - 4	Gonçalo Vaz, cirurgião	Tentúgal	Cirurgia
1480-Nov. - 6	Isaac Marcos, filho de Mestre Moisés Marcos	Monção	Cirurgia
1480-Dez. - 4	Gonçalo Lopes	Tentúgal	Cirurgia
1481-Fev. -22	Mestre João	Vila Real	Cirurgia
1481-Março- 9	Mestre José Romeiro	Santarém	Física
1481-Março-26	João Pires, cirurgião	Couto de Sarzedas	Cirurgia
1481-Abril -27	Mestre Gonçalo	?	Cirurgia
1481-Maio - 6	Mestre Izagialvo, criado de Mestre Judas	Beja	Cirurgia
1481-Junho-20	Mestre João, filho de Mestre Fernando	Lisboa	Cirurgia
1481-Junho-21	Mestre Rodrigo	?	Cirurgia
1481-Julho - 4	Mestre José Aboa	?	Física
1481-Julho -19	Mestre Moisés Almale, filho de Mestre Samuel Almale	Serpa	Cirurgia
1481-Julho -20	Diogo Álvares, filho de Mestre Álvaro	Barcelos	Cirurgia
1481-Nov. -16	Mestre Afonso	Arraiolos	Cirurgia
1481-Dez. -15	Mestre Baru Maquedano, cirurgião	Évora (nat.)	Cirurgia
1482-Jan. -11	Mestre Abraão Mossamo, cirurgião, filho de Jácome de Mossamo	Porto	Cirurgia
1482-Fev. -11	Rabi Moisés Boino, filho de Mestre Abraão Boino	Porto (nat.)	Física
1482-Fev. -13	João Gonçalves, cirurgião	Castanheira da Chã	Cirurgia
1482-Março-21	Vasco Lourenço	Freg. de Belado, julg. de Maia, termo do Porto	Cirurgia

Data	Nome	Morada	Exame
1482-Abril -25	Álvaro de Toledo	Porto	Cirurgia
1482-Abril -27	Mestre Isaac	Guimarães	Cirurgia
1482-Abril -27	Mestre Vasco, cirurgião	Lamego	Cirurgia
1482-Abril -27	Mestre José Branco	Gouveia	Cirurgia
1482-Junho-21	João Afonso, barbeiro	Serpa	Cirurgia
1482-Julho -24	Mestre Moisés Boino, filho de Mestre Abraão	Porto	Cirurgia
1482-Ag. - 1	Mestre Samuel Abenassel ⁽¹²⁾	Covilhã	Física
1482-Ag. - 8	Mestre Judas Marcos	Porto	Cirurgia
1482-Ag. - 8	Mestre Jacob	Vila do Conde	Cirurgia
1482-Ag. - 9	Mestre José Benatão	Beja (nat.)	Cirurgia
1482-Ag. -30	Bacharel Diogo Garcia	Portalegre	Física
1482-Nov. - 4	Mestre Rodrigo, alemão, cirurgião do duque de Bragança	?	Cirurgia
1482-Nov. -18	Mestre Lopo, cirurgião	Chaves	Cirurgia
1482-Dez. - 5	Mestre Israel, natural de Braga	Coimbra	Física
1482-Dez. -24	Samuel Dalva, filho de Moisés Dalva	Leiria	Física
1483-Março-12	Mestre Lopo	Carvalhal	Cirurgia
1483-Maio - 4	Mestre Salomão Amado	Castelo Branco	Física
1483-Junho-18	Mestre Jacob Tobi	Elvas	Física
1483-Ag. - 5	Mestre João de Lisboa	Tarouca	Cirurgia
1483-Set. -19	Mestre Gonçalo	?	Cirurgia
1483-Set. -29	Mestre Abraão Gigante	Gouveia	Cirurgia
1483-Out. -28	Mestre Pedro	?	Cirurgia

(12) Esta carta foi concedida a pedido do concelho da Covilhã e de D. Rodrigo de Monsanto, fidalgo da casa de el-rei.

Data	Nome	Morada	Exame
1483 (?)	Mestre João	Torres Novas	Cirurgia
1484-Março-25	Mestre Sancho	?	Cirurgia
1484-Maio -15	Mestre Santo Crescente	Lisboa	Cirurgia.
1484-Maio -24	Mestre Faim Mocatel	Lisboa	Cirurgia
1484-Junho-15	Gonçalo Fernandes	Monsaraz	Cirurgia
1484-Ag. -26	Mestre Samuel Roubem	Beja	Cirurgia
1484-Set. -28	Fernão Rodrigues	Álvaro	Cirurgia
1484-Nov. -15	Mestre Salomão Goleima	Castelo Branco	Cirurgia
1485-Março-22	Mestre Gonçalo, castelhano	[Évora]	Física
1485-Abril -29	Mestre Salomão Almale, filho de Mestre Isaac	?	Cirurgia
1485	Mestre Moisés de Beacar	?	Cirurgia
1486-Jan. - 9	Mestre Moisés, filho de Mestre Marcos, físico	Porto	Física
1486-Jan. -10	Mestre Elias	Castelo Mendo	Física
1486-Fev. - 1	Mestre Fernando, filho de Mestre Gonçalo	Pinhel	Cirurgia
1486-Fev. - 9	Mestre Fernando	Alhandra	Cirurgia
1486-Março-13	Mestre Moisés Abeacar	Messejana	Física
1486-Março-15	Mestre Rodrigo, castelhano ⁽¹³⁾	?	Cirurgia
1486-Abril -28	Mestre Jacob Aljufareiro	Santarém	Física
1486-Maio - 4	Mestre Faim Almale	?	Cirurgia
1486-Maio -15	Mestre Guedelha, filho de Jacob Sapaio	?	Física
1486-Junho- 6	Mestre David Parente	Faro	Cirurgia

(13) Mestre Rodrigo diz ter aprendido a arte de cirurgia, e ainda a «tirar potras e pedras». Era mais um especialista em urologia.

Data	Nome	Morada	Exame
1486-Ag. - 8	Mestre Salomão Almale	?	Cirurgia
1486-Ag. - 8	Mestre Abraão	?	Cirurgia
1486-Ag. -21	Mestre Salomão Garsão	Beja (nat.)	Física
1486-Ag. -29	Mestre José Navarro	Abrantes	Cirurgia
1486-Set. -19	Mestre Estêvão, criado de Mestre Fernando, antigo cirurgião-mor	?	Cirurgia
1486-Set. -27	Mestre Moisés	?	Cirurgia
1486-Nov. - 6	Rabi Salomão Penso	Elvas (nat.)	Física
1486-Nov. - 7	Mestre Moisés	Torres Novas	Cirurgia
1486-Nov. - 7	Mestre Moisés Alferim	Elvas	Cirurgia
1486-Nov. -28	Mestre Moisés Belecide, físico	?	Cirurgia
1486-Dez. - 7	Mestre Salomão Elci	Lisboa	Cirurgia
1486-Dez. -28	Mestre Isaac Caro, filho de Abraão Caro	Trancoso (nat.)	Física
1486	Mestre José Benadem	Porto	Física
1487-Jan. -15	Mestre Abraão Cofem	Portalegre (nat.)	Física
1487-Jan. -17	Mestre Salomão Sidecairo	Trancoso (nat.)	Física
1487-Março-12	Mestre Isaac de Ledesmim, filho de Jacob de Ledesmim	Vila Flor	Física
1487-Abril - 4	Nuno Gonçalves	Viana	Cirurgia
1487-Abril - 6	Mestre David Almale	?	Cirurgia
1487-Abril -28	Mestre José de Belhamim, filho de Belhamim, armeiro	Évora	Física
1487-Julho -30	Mestre Isaac Amarilho, filho de José Amarilho	?	Física
1487-Julho -30	Mestre Jacob Bichancho	Celorico	Cirurgia
1487-Ag. -16	Mestre Suas	Lamego	Física

Data	Nome	Morada	Exame
1487-Out. - 8	Mestre Moisés Nafim	Lisboa	Física
1487-Nov. - 7	Mestre Salomão	Porto	Física
1487-Nov. -22	Mestre Salomão Almale	Lisboa	Física
1487-Dez. -20	Mestre Abraão Zarco	Santarém	Cirurgia
1488-Jan. -27	Mestre Pedro	?	Cirurgia
1488-Março-29	Mestre José Abudente	?	Cirurgia
1488-Abril -18	Mestre Isaac de Munham	Celorico	Física
1488-Abril -29	Mestre José Maconde	Guarda	Física
1488-Maio -27	Mestre Judas Vivas, filho de Mestre Nacim Vivas	?	Física
1488-Julho -12	Mestre Moisés «arrequez»	Portalegre (nat.)	Física
1488-Julho -28	Mestre Lezer Catelão	?	Cirurgia
1488-Julho -28	Mestre Abraão Benatão	Beja (nat.)	Cirurgia
1488-Julho -30	Mestre Afonso	?	Cirurgia
1488-Ag. - 9	Mestre José Monção	Torres Novas	Cirurgia
1488-Ag. -13	Mestre Lezer Goleima	?	Cirurgia
1488-Nov. -16	Fernão Gonçalves Muito Pão ⁽¹⁴⁾	Portalegre	Cirurgia
1489-Maio -27	Mestre Isaac Roubem	Beja	Física
1489-Junho - 1	Mestre Afonso	Batalha	Cirurgia
1489-Julho - 5	Mestre Isaac Marcos, filho de Moisés Marcos	[Monção]	Física
1489-Ag. - 7	Mestre Bartolomeu	Coimbra	Cirurgia
1489-Ag. -23	Mestre Lourenço	Randão (?)	Cirurgia
1489-Nov. -17	Mestre Estêvão, físico	?	Cirurgia
1489	Mestre José Abudente	Guarda	Física

(14) Era também ensalmador.

Data	Nome	Morada	Exame
1490-Jan. - 4	Mestre Moisés Vivas, filho de David Vivas	Lisboa	Física
1490-Jan. -10	Mestre Jacob Valente	Porto de Mós	Física
1490-Jan. -15	Mestre Abraão Natão	Beja	Física
1490-Jan. -18	Mestre Bartolomeu	?	Cirurgia
1490-Jan. -27	Afonso Álvares, castelhano, boticário ⁽¹⁵⁾	Lamego	Física e Farmácia
1490-Fev. - 3	Mestre Abraão Pinto, o moço	Évora	Cirurgia
1490-Abril -28	Mestre Abraão	Aveiro	Física
1490-Maio - 8	Mestre Abraão	Évora	Cirurgia
1490-Maio -22	Mestre Rabi Salomão do Rego, natural de Galiza	Braga	Física
1490-Junho-19	Rabi Moisés «Gauisam», natural de Castela	?	Física
1490-Junho-25	Mestre Salomão Adida	Guarda	Cirurgia
1490-Julho -22	Mestre José Maçoz	Guarda (nat.)	Física
1491-Fev. -10	Mestre Estêvão Rodrigues, barbeiro	Porto de Mós	Física
1491-Fev. -22	Mestre Isaac Fabibe, cirurgião	Trancoso	Cirurgia
1491-Março-25	Mestre José	Coimbra	Cirurgia
1491-Abril -21	Afonso Eanes ⁽¹⁶⁾	Curros, terra de Barroso	Física

⁽¹⁵⁾ Carta concedida a pedido dos juizes, vereadores, procuradores e homens bons de Lamego, o Deão, Dignidades e Cabido da mesma cidade.

⁽¹⁶⁾ Carta concedida a pedido do concelho e homens bons de Pena, terra de Barroso, onde não havia mais nenhum físico, nem homem que soubesse dar remédio a suas enfermidades.

A licença foi concedida, muito embora Afonso Eanes não tivesse sido examinado, mas este só poderia exercer clínica entre os moradores do concelho da Pena, «pois que ssam contentes de sua cura e dizem que se acham bem della» (A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 10, fl. 31).

Data	Nome	Morada	Exame
1491-Maio -13	Mestre Álvaro	Beja (nat)	Física
1491-Junho -15	Mestre Moisés de Vitória	Porto (nat.)	Física
1491-Junho -20	Mestre Álvaro	Évora	Cirurgia
1491-Junho -21	Mestre José Zabouca	Évora	Física
1491-Junho -24	Mestre Gonçalo	Abrantes	Física
1491-Junho -24	Mestre Faim Aroto	Covilhã (nat)	Física
1491-Julho - 8	Mestre João	Trancoso	Cirurgia
1491-Julho -29	Mestre Pedro ⁽¹⁷⁾	S. Romão (nat.)	Cirurgia
1491-Nov. -23	Mestre Salomão Toledano, filho de Samuel Toledano	?	Física
1491-Nov. -28	Mestre Isaac Levi	Mértola	Física
1491-Dez. - 6	Mestre José, natural de Pinhel	Setúbal	Cirurgia
1491-Dez. -12	Mestre Isaac, filho de Mestre Abraão, físico da infanta D. Beatriz	?	Cirurgia
1491-Dez. -23	Mestre Moisés Polho	Olivença	Física
1491 (?)	Mestre José Benader, físico	Porto	Cirurgia
1492-Março-30	Mestre José Roubem	Beja	Cirurgia
1492-Out. -18	Mestre Moisés Alnale	Lisboa	Cirurgia
1495-Set. - 1	Mestre Lembroso Benazo	Pederneira	Cirurgia
1495-Set. - 1	Mestre José, filho de Mestre Lem- broso	?	Cirurgia
1495-Dez. -23	Mestre Francisco	Santarém	Física
s. d.	Gonçalo Fernandes, cirurgião	Porto	Cirurgia
s. d.	Mestre Bartolomeu	Linhares	Cirurgia

(17) A sua carta apenas lhe dava direito a tratar «papos de homens e mulheres», pois era essa a doença «de que sabia curar», segundo declarou.